

UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O BRASIL E O HAITI POR MEIO DA COBERTURA DAS REVISTAS VEJA E ISTOÉ

A LOOK AT THE RELATION BETWEEN BRAZIL AND HAITI BY VEJA AND ISTOÉ MAGAZINES COVERING

Edson Fernando Dalmonte¹

Renata Inah de Almeida Vidal²

RESUMO

O trabalho busca entender de que forma a política externa brasileira relativa ao Haiti é representada nas revistas semanais brasileiras *Veja* e *IstoÉ* durante a cobertura realizada por elas sobre o terremoto que atingiu o país caribenho no dia 12 de janeiro de 2010. São utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica do Discurso, buscando entender os textos produzidos e veiculados como parte de um contexto sócio-político-cultural, levando em consideração especialmente o contexto internacional atual e a posição privilegiada que o Brasil ocupa atualmente no cenário global, devido à sua prosperidade econômica e estabilidade democrática.

PALAVRAS-CHAVE:

Brasil, Haiti, Política Externa, Análise de Conteúdo, Análise Crítica do Discurso

ABSTRACT

Understand how the Brazilian week magazines *Veja* and *IstoÉ* frame the Brazilian external policies regarding Haiti, at the moment of the earthquake that hit this country at January 12th, 2010. The techniques of Content Analysis and Critical Discourse Analysis are used to identify the characteristics of the coverage made by the magazines, trying to understand the texts produced and published at this period as part of a social, political and cultural context, taking under consideration specially the contemporary international context and the privileged position Brazil occupies nowadays in this global scenario, due to its economic prosperity and democratic stability.

KEYWORDS:

Brazil, Haiti, External Policies, Content Analysis, Critical Discourse Analysis

1 Doutor em Comunicação, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Coordenador do ANALÍTICA: Grupo de pesquisa em Análise Crítica da mídia e produtos midiáticos <www.analitica.ufba.br>. E-mail: edsondalmonte@gmail.com

2 Jornalista, graduada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisadora do ANALÍTICA: Grupo de Pesquisa em Análise Crítica da mídia e produtos midiáticos.

Introdução

A presente pesquisa buscou identificar através da aplicação das técnicas e ideias da Análise de Conteúdo (AC) e da Análise Crítica do Discurso (ACD) as principais características das coberturas desenvolvidas pelas revistas semanais brasileiras, *Veja* e *IstoÉ*, sobre o abalo sísmico que atingiu a cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, no começo do ano de 2010. Entre os dias 12 de janeiro de 2010 e 12 de janeiro de 2011, foram analisadas todas as edições dessas revistas, das quais foram destacados todos os 68 textos que trataram sobre o terremoto, e formaram o *corpus*.

A aplicação da ACD seguiu o pensamento do pesquisador britânico Norman Fairclough, especialmente aquele exposto em seu livro “*Language and globalization*” (FAIRCLOUGH, 2006), que considera a influência do contexto sócio-político-cultural na estruturação de um discurso, e ele só pode ser bem compreendido quando essas circunstâncias de surgimento são levadas em consideração. Também as propostas do filósofo francês Michel Foucault são tomadas em conta para o desenvolvimento da análise, em especial as feitas em seus livros “*A ordem do discurso*” (FOUCAULT, 2009a) e “*A arqueologia do saber*” (FOUCAULT, 2009b).

A hipótese inicial que guiou a pesquisa foi a de que a revista *Veja* por ter historicamente um posicionamento mais direitista, com tendência a apoiar governos ideologicamente mais à direita, se aproveitaria da cobertura do terremoto do Haiti para demonstrar uma postura mais crítica com relação às escolhas feitas pelo governo esquerdista do Partido dos Trabalhadores (PT), especialmente, porque esse acontecimento toca em um tema muito importante para o governo petista nesse momento que era a política exterior. Por outro lado, esperava-se, a princípio, que a revista *IstoÉ* tivesse um posicionamento menos crítico com relação ao governo do PT, quando comparado ao que se esperava de *Veja*.

Um aspecto contextual que nunca foi perdido de vista ao longo da pesquisa foi a relevância da política externa para o governo petista e a importância que a participação militar brasileira no Haiti teve e tem para suas ambições internacionais. O Brasil lutou durante os governos do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2006 e 2007-2010), e segue atualmente na gestão da presidente Dilma Rouseff (2011-2014), para conquistar uma posição mais relevante e vantajosa no mercado internacional, além de ocupar um posto de maior importância política, participando mais ativamente de organismos internacionais. Para o Brasil, ter tropas atuando no Haiti é uma forma de mostrar-se capaz de atingir seus objetivos diplomáticos, estando entre eles ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU).

O Brasil está presente no Haiti desde 2004, quando assumiu o comando da Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti, ou Minustha (na sigla em francês para: Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti). Nos seis anos de presença militar brasileira que antecederam o terremoto (2004-2009), o Brasil gastou cerca de R\$ 700 milhões de reais para manter suas tropas em solo haitiano. Depois do abalo sísmico, aos gastos militares somaram-se a ajuda financeira e, em consequência disso, somente nos seis meses que sucederam a tragédia o Brasil destinou R\$ 645 milhões de reais à recuperação do Haiti. Em janeiro de 2010 o Brasil mantinha pouco mais de 1200 militares no Haiti. O terremoto do dia 12 matou 18 deles, um diplomata, uma civil e a médica sanitária Zilda Arns.

As técnicas de análise

A abordagem da ACD foi utilizada para identificar o enquadramento e as construções discursivas das revistas em relação ao objeto estudado. O contexto sócio-político-cultural da produção textual é considerado relevante para a análise tanto da parte dos jornalistas autores dos textos como das próprias revistas *Veja* e *IstoÉ*, já que ambos contribuem para o conteúdo final dos textos, sendo todos responsáveis pela fala contida nos textos analisados. Durante a análise foi considerado o lugar de fala de cada uma das publicações, para que assim fosse possível chegar a conclusões mais acertadas com relação às representações criadas por elas. É também através desse lugar de fala que foram observadas as propostas feitas pelos textos, se de apoio às decisões do governo ou se de oposição, por exemplo. A AD serviu como ferramenta para analisar os textos das revistas levando sempre em consideração o contexto sócio-político-cultural, pois as ideias expressas nesses meios só fazem sentido se entendidas como parte da sociedade e do momento histórico no qual estão inseridas.

A interpretação do contexto sócio-político-cultural revela-se tão importante nessa análise que a metodologia aplicada no decorrer desse trabalho foi a desenvolvida por Norman Fairclough (2006). Para esse autor, o trabalho de análise de textos linguísticos, sejam eles escritos ou falados, é uma tarefa que exige conhecimentos transdisciplinares, pois o discurso é apenas uma “faceta da vida social” que dialoga, determina e é determinado constantemente por todas as outras, e sendo assim, para entender o discurso é preciso entender primeiramente os outros aspectos da vida social, que estão sendo chamados aqui de contexto sócio-político-cultural.

Para melhor entender e aplicar as teorias da ACD é preciso também conhecer o pensamento filosófico de Michel Foucault (2009b). Foucault defende que para análises desse tipo “não é preciso remeter o discurso à longínqua

presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (FOUCAULT, 2009b, p. 28), ou seja, quando se trata de analisar discursos é preciso pensá-los no contexto em que eles se dão e não como se fossem consequências de acontecimentos passados. Discursos são resultados das circunstâncias que o envolvem no momento de sua produção, são da maneira que são, sem nunca poderem ser de outra forma. Foucault (2009b) defende que o discurso, assim como a história, deve ser analisado não mais através da utilização de um “fundamento que se perpetua, e sim [através das] transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (FOUCAULT, 2009b, p. 6). Tal empreitada justifica-se no fato de que os conceitos e critérios que são tradicional e previamente aceitos como válidos para desenvolver análises, sem serem questionados, podem não servir para explicar determinados discursos ou períodos históricos, e podem impedir o analista de encontrar e distinguir outros critérios e conceitos que sim poderiam ter essa característica, e assim sendo, faz-se necessário repensá-los a cada análise.

O método da AC serviu ao mesmo objetivo da ACD, só que nessa tradição investigativa formas de tratamento empregadas, as opiniões e adjetivos, as temáticas abordadas, os personagens e as frequências com que eles surgem nos textos ajudaram a identificar o posicionamento das revistas com relação ao tema observado. A atenção dedicada a esse aspecto justifica-se pelo fato de que a frequência com que uma informação aparece em um texto é considerada pela AC aspecto importante para avaliar o posicionamento de um meio com relação a um determinado tema, pois ela reflete a “importância, atenção ou ênfase” dada pela revista a tal tema. Quanto mais registros houverem de determinado tema mais importante ele é para o veículo e quanto mais “atributos favoráveis ou desfavoráveis” estiverem associados a ele mais claramente pode-se determinar o posicionamento do veículo com relação a ele.

O método da AC desenvolve-se nos EUA, no começo do século XX, aplicado à análise da comunicação, principalmente do jornalismo. A eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914) leva as análises a concentrarem-se na propaganda de guerra e na sequência, a Segunda Guerra Mundial acentua ainda mais esse fenômeno, quando as análises de conteúdo voltam-se preponderantemente à análise da propaganda nazista e à investigação sobre o posicionamento dos meios americanos, se de forma contrária ou favorável ao inimigo nazista.

A AC, assim como a ACD, tem o objetivo de buscar nos textos e enunciados o sentido que eles têm dentro do contexto mais amplo em que foram produzidos e não apenas o sentido da mensagem que querem transmitir no momento de sua produção, a diferença está principalmente no fato de que a primeira utiliza, além da abordagem qualitativa (que se preocupa predominantemente com a presença

ou ausência de determinadas características nos textos), também utilizada pela AD, a abordagem quantitativa que considera importantes informações fornecidas pela frequência observada de determinadas características nos textos.

Mesmo admitindo que analistas que se utilizam da AC podem se interessar pelo que chamam de *condições de produção*: “variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem” (BARDIN, 2002, p. 42), é importante frisar que aqui, a AC foi utilizada apenas para pensar os aspectos restritos aos enunciados, sua formação singular e o contexto sócio-político-cultural em que foram produzidos. Não foram levados em consideração os aspectos psicológicos do autor ou as condições de produção dos enunciados em seu ambiente de produção, que nesse caso seriam as redações das revistas *Veja* e *IstoÉ*.

Para estudar a frequência das formas de tratamento empregadas, das opiniões e adjetivos, das temáticas abordadas e dos personagens presentes nos textos através da AC é necessário, segundo Bardin (2002), desenvolver uma técnica adequada ao corpus e ao objetivo pretendido em cada caso. O que significa dizer que o para essa pesquisa foi preciso inicialmente desenvolver suas próprias categorias de análise, a partir da técnica de análise da Análise Categórica, que dentro das técnicas da AC é a mais antiga, além de ser tradicionalmente a mais utilizada pelos analistas em suas pesquisas. A Análise Categórica é uma análise temática, que se ocupa dos temas abordados por textos ou trechos de textos, centrando seu estudo em determinar quais são esses temas e com qual frequência eles surgem no discurso, acreditando que essas informações são elementos poderosos para a determinação do posicionamento tomado por esses discursos.

Para iniciar a AC, foi primeiramente necessário fazer a codificação do material, processo em que as informações fornecidas pelos textos a serem analisados foram classificadas em determinadas rubricas, transformando-se assim em dados, índices que servem ao analista para determinar o posicionamento de tais textos. É preciso basicamente determinar a “unidade de registro”, que se define segundo Bardin (2002) como “a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 2002, p. 130) e a “unidade de contexto”, que é definida pela mesma autora como elemento que “serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às unidades de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registro” (BARDIN, 2002, p. 133). No caso dessa análise em particular, foram consideradas como unidades de registro cada texto publicado por *Veja* e *IstoÉ* tratando do

Haiti e como unidades de contexto as próprias revistas, suas características e a maneira como elas posicionam-se no cenário editorial brasileiro.

As revistas *Veja* e *IstoÉ*

A revista *Veja*, lançada em 1968, é uma publicação semanal da Editora Abril, que trata de temas atuais e é voltada para o público adulto, circula nas bancas e através de assinaturas e tem distribuição nacional. A Editora Abril é propriedade da família Civita, de origem judia-italiana. Seu fundador, Victor Civita, iniciou as atividades da empresa publicando os quadrinhos da Disney no Brasil. A Abril lançou sucessos como as revistas do *Pato Donald* e a revista *Capricho*, então uma fotonovela.

A atual identificação que se faz de *Veja* como uma revista que apoia governos de direita pode ter suas origens no seu passado. Durante a ditadura militar, *Veja* foi vítima da censura diversas vezes, mas isso não significa dizer que ela tenha sido uma revista subversiva, nem que tenha se posicionado sempre e fortemente contra o regime; significa apenas que a censura era muito ativa e que naquele momento era quase impossível que um veículo de comunicação não sofresse nenhuma interdição. Para entender seu posicionamento tendendo para a direita, é necessário considerar não apenas os donos da revista, os Civita, como ressalta Conti (1999, p.371), “Roberto Civita achava que o Brasil estava progredindo e se modernizando. Queria que a revista fizesse reportagens mostrando e elogiando o desenvolvimento”. Mas também personagens importantes na história da revista, como Élio Gaspari, que ocupou, entre outras funções menores, o cargo de diretor adjunto entre os anos de 1979 e 1988. Segundo Conti (1999, p.105), “Gaspari era visto por alguns como um aliado da ditadura, um agente do general Golbery do Couto e Silva na imprensa.” Ele conta ainda que “entre 1979 e 1983, Gaspari trocou mais de 90% da redação de *Veja*. Até Millôr Fernandes foi demitido por ter apoiado, em sua seção na revista, a campanha de Brizola em 1982. A política deixou de ser um embaraço quando Figueiredo rompeu com *Veja*, durante uma viagem a Paris.” (CONTI, 1999, p.106). Com o fim da ditadura, leitores atentos podem notar que a revista seguiu com a sua tendência direitista.

A Editora Abril é atualmente parte do Grupo Abril que atua nas áreas de Mídia (Editora Abril, Internet, Assinaturas e MTV), E-commerce e Abril Educação (Editoras Ática e Scipione e Sistemas de Ensino SER e Anglo). É a maior editora do Brasil e possui a maior gráfica de revistas da América Latina, “publicou 54 títulos em 2010 e é líder em 21 dos 25 segmentos em que atua. Suas publicações tiveram ao longo do ano uma circulação de 188,5 milhões de exemplares, em um universo de quase 28 milhões de leitores e 4,1 milhões de assinaturas” (GRUPO ABRIL).

A revista *Veja* tem como objetivo principal, nas palavras de Roberto Civita, presidente do conselho de administração e diretor editorial, “ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil” (MIDIA KIT *VEJA*). É a terceira maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos. A revista tem uma circulação total de 1.055.048 exemplares, 919.907 deles para assinantes e 135.141 vendas avulsas. 85% dos 8.774.000 leitores são assinantes (Fonte: MIDIA KIT *VEJA*).

A *IstoÉ* é uma revista semanal que trata de temas atuais voltada para o público adulto, circula nas bancas e através de assinantes e tem distribuição nacional. A revista *IstoÉ* é uma publicação da Editora Três, fundada em 1972 pelo argentino Domingos Alzugaray. Depois de quase 20 anos trabalhando na Editora Abril, cinco na Argentina e quase 15 no Brasil, onde chegou ao cargo de diretor comercial, em 1971 decidiu deixar a empresa e montar a sua própria editora.

No ano de 1972, fundou a Editora Três em sociedade com Luís Carta e Fabrizio Fasano. Em 1976, em sociedade com o jornalista Mino Carta, fundou a Encontro Editorial e decidiu editar uma revista “mensal, sofisticada, predominantemente para homens, mas sem mulheres nuas.” (CONTI, 1999, p.433), logo *IstoÉ* seria uma revista semanal. No ano seguinte, a Encontro Editorial começa a dar prejuízo e precisou ser vendida. Somente em 1988 Alzugaray recupera a editora e une *IstoÉ*, que esteve sete anos em mãos de outros donos, com a revista *Senhor* da Editora Três, resultando temporária revista *IstoÉ/Senhor* e que com o tempo torna-se a revista *IstoÉ* atual, desde esse momento pertencente à Editora Três.

Recomprar a *IstoÉ* fez com que Alzugaray precisasse arrecadar fundos para pagar a dívida e assim ele foi pedir ajuda ao então governador paulista Orestes Quércia, que investiu em publicidade do governo na revista. Na mesma época ele estava construindo a gráfica da Editora Três e pagou as empresas envolvidas na construção com espaço publicitário. Nas palavras de Conti (1999) a relação de *IstoÉ* com o governo e com as empresas que a ajudavam pode ser descrita assim:

Não proibia *IstoÉ* de apurar denúncias contra eles. Mas só publicava as reportagens se elas fossem “inevitáveis” - ou seja, se fosse exclusivas. Se toda a imprensa, por exemplo, estivesse noticiando que tal empreiteira estava envolvida em corrupção, e a empresa tivesse ajudado na construção da gráfica, Alzugaray não deixava que saísse nada em *IstoÉ* sobre o assunto. Se somente a sua revista tivesse a reportagem, ela era publicada. Com os governantes, a postura de Alzugaray era que *IstoÉ* fosse crítica quando achasse necessário. Tinha um resumo de sua filosofia na ponta da língua, que usava tanto com

os jornalista de *IstoÉ*, para conclamá-los a evitar erros, como para justificar-se aos poderosos da política: só os grandes, como a Globo e a *Veja*, podem se dar ao luxo de serem governistas; uma publicação pequena como a *IstoÉ*, quando adula só irrita (p. 424).

A Editora Três é atualmente a terceira maior editora de revistas do país, com nove títulos publicados: as semanais *IstoÉ*, *IstoÉ Dinheiro* e *IstoÉ Gente*, as mensais *Planeta*, *Menu*, *Motor Show* e *Dinheiro Rural*, a bimestral *IstoÉ Platinum* e a trimestral *IstoÉ 2016*. Nas palavras de Caco Alzugaray, presidente executivo da Editora Três, a missão da empresa seria resumida assim: “Independência editorial é o pilar do compromisso que mantemos com o Leitor e que baliza nossa missão de contribuir para o desenvolvimento de um Brasil mais justo e feliz.”(MIDIA KIT *ISTOÉ*).

A revista *IstoÉ* posiciona-se como “a mais combativa revista semanal do país” (MIDIA KIT *ISTOÉ*). Tem 136 páginas aproximadamente por edição, divididas entre conteúdo editorial e publicidade, uma tiragem de 444.872 exemplares, circulação de 336.646 exemplares, 89% deles para assinantes e conta com 1.046.811 leitores (Fonte: Ipsos Estudos Marplan/EGM, 9 Mercados (outubro/2009 a setembro/2010) Projeção Brasil. IVC, janeiro/2011).

O Brasil no Haiti através dos textos das revistas *Veja* e *IstoÉ*

A escolha das revistas *Veja* e *IstoÉ* como origem dos textos formadores do corpus de análise deve-se ao fato de ambas serem revistas de circulação nacional com grande tiragem, duas das mais lidas no país. Tendo a revista *Veja* tradicionalmente demonstrado uma inclinação direitista, conservadora; enquanto que a revista *IstoÉ* tem tendências mais de esquerda, com inclinação a fazer coberturas mais favoráveis ao governo do PT.

A análise de revistas semanais em oposição a outros meios como jornais ou sites da web, deve-se ao fato de que com uma periodicidade semanal o número de textos a serem considerados seria menor, podendo todos os textos publicados fazer parte do corpus. A opção por incluir na análise absolutamente todos os textos publicados por ambas as revistas que tratassem do terremoto do Haiti, independentemente de serem reportagens, notas, editoriais ou cartas de leitores, deve-se à consideração de que todos eles são importantes, cada um deles é um exemplo em particular das escolhas editoriais realizadas pelas publicações. Se uma revista publica um texto, isso quer dizer que ela está de acordo em dar visibilidade através de suas páginas às ideias que ele defende, não importando seu formato e seu autor. Um corpus com textos de formatos variados enriquece o trabalho, na medida em que analisa as diversas formas de que as revistas dispõem para se dirigir ao seu leitor, todas elas resultantes de sua política editorial.

Para realizar a AC através da técnica da Análise Categorical as informações fornecidas pelos textos foram classificadas em rubricas que deram origem aos dados analisados. Os temas foram determinados em um total de 18. São eles: Zilda Arns, Terremoto, Governo brasileiro, Brasil, ONU, Militares, EUA, Haiti, Celebidades, Tragédia/devastação, OEA, Mercenários, Cólera, Autorreferência, Antiamericanismo Francês, Doações, Tráfico de crianças, Imigrantes haitianos no Brasil. Ressaltando que um mesmo texto pode tratar de dois ou mais temas e por isso poderá estar contido em mais de uma rubrica.

Nessa pesquisa, considerou-se como unidade de registro o “segmento de conteúdo” contido em um texto completo publicado nas revistas, fossem eles reportagens, colunas, notas ou comentários de leitores, independentemente de seu tamanho. São esses textos que permitiram a determinação das rubricas e da frequência de suas aparições. E as “unidades de contexto” que são unidades superiores às “unidades de registro” e permitem que essas sejam compreendidas em sua significação plena, foram consideradas aqui como as revistas *Veja* e *IstoÉ*. São suas histórias e posicionamentos que permitiram a realização de uma interpretação mais precisa das unidades de registro, ou seja, dos textos publicados por elas.

Os 42 textos publicados por *Veja* trouxeram os seguintes subtemas seguidos das porcentagens que representaram dentro do total de textos analisados: Terremoto 20%, Autorreferência 14%, Zilda Arns 14%, ONU 9%, EUA 9%, Brasil 8%, Governo Brasileiro 6%, Militares 6%, Haiti 5%, Doações 5%, Cólera 1%, Antiamericanismo francês 1%, Tráfico de crianças 1%, Imigrantes haitianos no Brasil 1%. No caso de *IstoÉ*, seus 26 textos estão divididos em: Terremoto 16%, Zilda Arns 12%, Governo brasileiro 12%, Militares 12%, ONU 9%, EUA 9%, Brasil 7%, Haiti 5%, Celebidades 5%, Tragédia/devastação 5%, OEA 2%, Mercenários 2%, Cólera 2% e Doações 2%. O primeiro aspecto que chama a atenção é a quantidade de textos publicados sobre o terremoto do Haiti nas duas revistas. A revista *Veja* publicou 42 textos no período de 12 meses analisados, número quase duas vezes maior que o publicado pela revista *IstoÉ* no mesmo intervalo, 26 textos.

Outra informação importante é o intervalo de tempo que esses textos demoram para aparecer nas duas revistas, apesar de *Veja* ter publicado mais textos, eles estão concentrados no período temporal mais próximo do terremoto. Só no mês de janeiro de 2010 ela publicou 23 textos sobre o tema, o que representa 54,76% dos textos publicados. Em fevereiro esse número foi de 15 textos e em março esse número cai drasticamente para apenas um texto, o que significa dizer que os primeiros três meses após o terremoto concentram 92,85% dos textos que a revista publicou sobre o tema ao longo de um ano. Após esse primeiro trimestre,

só aparecem mais três textos em *Veja* sobre o assunto - completando os 7,15% que faltam - um em 28 de abril de 2010 e dois em 29 de dezembro de 2010, esses últimos em decorrência de uma retrospectiva do ano de 2010 publicada pela revista.

A revista *IstoÉ* também concentra a maioria de suas publicações sobre o tema em janeiro, 14 textos, representando 53,84% do total publicado, mas a partir daí a presença de textos ao longo do ano é bastante mais espaçada que na *Veja*. Em fevereiro ela publica apenas dois textos, número que se repete em março, assim os três primeiros meses após o terremoto concentram na *IstoÉ* 69,23% dos textos publicados sobre o tema em 12 meses. No caso da *IstoÉ*, depois do primeiro trimestre de 2010 ela segue com publicações de textos sobre o tema, uma em abril, uma em junho, uma em setembro, uma em outubro, duas em dezembro de 2010 e uma em janeiro de 2011 – totalizando os outros 33,77%. Entre abril de 2010 e janeiro de 2011, essa revista publica quase três vezes mais textos que *Veja* no mesmo período.

Esses números, relativos à quantidade de textos publicados e a sua frequência de aparição nas revistas, nos permitem inferir que a cobertura da *Veja* se interessou muito mais pelo acontecimento que foi o terremoto do Haiti do que pelo questionamento e acompanhamento de suas consequências e desdobramentos para aquele país, para o Brasil e para o mundo. Deu-se a ele muito destaque no momento em que foi um tema atual, falando-se muito dele enquanto foi um “tema quente”, segundo o jargão jornalístico, para depois praticamente esquecê-lo durante todo o ano que se seguiu.

A cobertura feita pela *IstoÉ* também deu destaque ao abalo sísmico enquanto ele foi um “tema quente”, mas também fez um acompanhamento do desenrolar dos temas relacionados a ele ao longo do ano seguinte. Mesmo tendo publicado menos textos que *Veja*, somente nos meses de julho, agosto e outubro de 2010, a *IstoÉ* calou-se sobre o assunto, tendo veiculado matérias e notas sobre o desenrolar dos acontecimentos desencadeados pelo terremoto, no Brasil e no mundo. Como exemplo disso podemos citar o fato dela ter tratado constantemente da situação das famílias dos soldados mortos durante o terremoto, a princípio mostrando a dor da perda, depois as atitudes tomadas pelo governo no sentido de ampará-las, depois as promessas não cumpridas pelo governo, a luta das famílias e, finalmente, as decisões judiciais favoráveis a elas.

Contrariando a hipótese inicial de que a revista *Veja*, pelo fato de ter históricas tendências direitistas, aproveitaria a ocasião dessa tragédia, onde estavam atuando as tropas brasileiras no comando da Minustha, e tomaria em sua cobertura um posicionamento mais contrário e crítico às atitudes do governo esquerdista brasileiro, a análise demonstrou que essa não foi a característica mais

importante da sua cobertura. A ênfase dada ao acontecimento em si, seguido de seu esquecimento, ignorando a cobertura das consequências e do impacto causado por ele no Brasil, no Haiti e no mundo foi o principal aspecto observado, sendo a crítica ao governo praticamente inexistente.

Da mesma forma, por parte da revista *IstoÉ*, a hipótese inicial esperava uma cobertura mais benévola com relação ao governo brasileiro devido à coincidência no posicionamento político de ambos, à esquerda, mas não foi essa a realidade observada. Apesar de não terem sido encontradas críticas muito ferozes ao governo do PT, a cobertura da *IstoÉ* acabou revelando-se muito menos favorável a ele que a de *Veja*, pelo simples fato de que ter acompanhado as consequências internas e externas do terremoto, revelou falsas promessas e descaso por parte do governo com relação às famílias dos militares mortos. O acompanhamento das matérias veiculadas pela *IstoÉ* sobre a luta das famílias dos militares para receber as indenizações e para sobreviver com seu valor tão reduzido permite que o leitor questione a capacidade do Brasil de ajudar outro país em situação ainda mais miserável e duvide de que ele esteja realmente preparado para ocupar posições de responsabilidade e comando. Afinal, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos, é inevitável que o leitor se pergunte sobre o que pode fazer pelo Haiti um país como o Brasil, que não consegue pagar dignamente os seus soldados, respeitar suas famílias nem muito menos honrar sua palavra para com sua população. A cobertura de *IstoÉ*, mesmo sem o afirmar claramente, atesta incompetência por parte do governo brasileiro, levanta dúvidas com relação a sua capacidade de administrar problemas internos e de lidar com a consequência dos problemas externos, os quais ambiciona resolver, resultando assim em bastante negativa para o governo do PT. A cobertura de *Veja* revela-se, assim, mais favorável ao governo petista, não por demonstrar-se a favor dele, mas simplesmente por silenciar sobre os desdobramentos da tragédia no Haiti, evitando, assim, trazer à tona as contradições, erros e más atitudes levadas a cabo por ele.

Continuando uma análise mais detalhada dos dados revelados pela análise, percebe-se que dos 18 temas relacionados ao terremoto que atingiu Porto Príncipe, encontrados na cobertura das duas revistas, 10 estão presentes em ambas as revistas, formando um total de 91 textos, que tratam de temas comuns às duas publicações: Terremoto - 20 textos, Zilda Arns - 14 textos, ONU - 10 textos, EUA - 10 textos, Governo brasileiro - 9 textos, Militares - 9 textos, Brasil - 8 textos, Haiti - 5 textos, Doações - 4 textos e Cólera - 2 textos. São temas relacionados à cobertura do primeiro grande acontecimento que foi o terremoto e a outro acontecimento posterior e menos intenso que foi o surto de cólera que assolou o país a partir de outubro de 2010. Esses são os assuntos mais importantes e que chamavam a atenção de maneira mais imediata no período que sucedeu a tragédia.

Quatro são exclusivos da *Veja*, totalizando 12 textos que trataram de temas presentes somente nessa revista: Autorreferência - 9 textos, Antiamericanismo francês - 1 texto, Tráfico de crianças - 1 texto e Imigrantes haitianos no Brasil - 1 texto. E quatro estão presentes apenas na *IstoÉ*, somando, ao todo, seis textos que abordaram temas presentes apenas nessa publicação: Celebidades - 2 textos, Tragédia/devastação - 2 textos, OEA - 1 texto e Mercenários - 1 texto.

A análise dos temas exclusivos de *Veja* reforça a ideia de que a revista se ateve somente à exploração do acontecimento que representou o abalo sísmico e sua destruição deixando de lado a investigação de suas diversas consequências para todos os personagens envolvidos. As rubricas Autorreferência e Antiamericanismo Francês não contribuem para aprofundar a discussão sobre a repercussão da tragédia haitiana, sendo o primeiro apenas uma autopromoção da revista através da metalinguagem (publicar em suas próprias páginas textos elogiosos a si mesma) e o segundo a discussão de um tema que não diz respeito diretamente nem ao Brasil, nem ao Haiti, que é a rivalidade histórica entre franceses e norte americanos. São as rubricas Tráfico de crianças e Imigrantes haitianos no Brasil que chegam mais perto de discutir as consequências menos óbvias do terremoto para o Haiti e para o Brasil, abordando o tráfico de crianças haitianas para fora do seu país de origem, resultado da ação de estrangeiros mal intencionados e a chegada de haitianos no território brasileiro como mais um resultado da tragédia, dessa vez menos óbvio que a destruição estrutural e humana observada logo após o abalo sísmico.

Analisando os temas que só aparecem na revista *IstoÉ*, percebe-se que todos eles tratam de resultados indiretos da tragédia haitiana, exemplificando mais uma vez a tendência da cobertura de *IstoÉ* em discutir os desdobramentos do acontecimento principal. Através da rubrica Celebidades, ela mostra como o terremoto motivou atitudes por parte de atrizes de Hollywood. Em Tragédia/devastação a revista traz para suas páginas mais duas tragédias, uma no Brasil, inundações no nordeste do país, e outra no Haiti, o surto de cólera, mostrando que o terremoto não é um acontecimento isolado, ele se relaciona a outros por diversos motivos, seja pela destruição causada (terremoto e inundação) ou pela geografia (terremoto e surto de cólera no Haiti). Na rubrica OEA, registra-se a morte de um funcionário da OEA (Organização dos Estados Americanos), fato que a revista considerou digno de destaque, pois o abalo sísmico afetou também essa entidade. E por fim, na rubrica Mercenários, *IstoÉ* apresenta um fenômeno atual muito importante e pouco discutido, a contratação de soldados particulares que trabalham ou para empresas particulares fazendo segurança particular, principalmente depois de tragédias como é o caso do Haiti, ou para governos em guerras particularmente difíceis, como é o caso dos EUA, no Afeganistão.

Para o desenvolvimento da ACD dos textos produzidos por essas duas revistas, fez-se necessário, além de entender os próprios meios, desvendar também a macro realidade em que ocorre a enunciação e na qual as próprias revistas estão inseridas. É preciso compreender o cenário sócio-político-cultural em que as notícias relatadas ocorreram e também um pouco sobre a relação entre o Brasil e o Haiti, ou melhor, desvendar em que contexto internacional deu-se a participação brasileira nessa tragédia, dedicando especial atenção às orientações diplomáticas seguidas pelo Brasil nos últimos anos. Dentro da totalidade do *corpus*, não seria possível, nem desejável, discorrer sobre cada um deles em separado. Por isso somente os exemplos mais emblemáticos de cada uma das revistas foram analisado a fundo durante o desenvolver da pesquisa e apenas as conclusões obtidas serão brevemente apresentadas neste artigo.

Análise de casos emblemáticos

Os dois primeiros casos a chamar a atenção são os textos “*O dia em que o mundo acabou*” publicado por *Veja*, sem especificação de autor e “*O tremor que matou um país*”, de Claudio Dantas Sequeira e Luiza Villaméa, publicado por *IstoÉ*, ambos nas edições do dia 20 de janeiro de 2010. Esses textos servem bem como amostra da cobertura das revistas de um modo geral, porque foram os primeiros textos publicados por cada uma delas após o terremoto, com o intuito de mostrar o estado em que se encontrava o Haiti pós-abalo. Já aqui foi possível perceber claramente que a cobertura de *Veja* optou por uma linha mais emotiva, centrando-se na descrição da tragédia, enquanto que *IstoÉ* vai um pouco além disso, tratando de outros aspectos relacionados ao terremoto em si, como os militares brasileiros e seu trabalho no Haiti. Essa inclinação de *Veja* está clara na escolha que faz de palavras e expressões mais carregadas de dramaticidade, o que dá a sua cobertura fortes traços de sensacionalismo, ao tentar conquistar o leitor não pela informação dada, mas sim pela forma como essa informação é transmitida.

É preciso analisar esses dois casos tendo em vista o contexto sócio-político-cultural em que estavam imersos, naquele momento, os dois países. O Brasil assumiu o comando da missão pacificadora do Haiti no ano de 2004. Essa iniciativa fez parte da orientação da política externa dos governos do presidente Lula de buscar uma atuação mais forte do Brasil no cenário internacional, num contexto caracterizado por esse mesmo governo como multilateralismo, nova realidade na qual não apenas os países ricos tomariam decisões que afetam a todo o planeta, mas em que todos os países deveriam assumir uma postura ativa nas decisões internacionais. A luta do Brasil por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU surge nesse contexto. Todas essas posições ficam bem claras no discurso pronunciado por Lula,

durante cerimônia de embarque das tropas militares para missão de paz no Haiti, na Base Aérea de Brasília, em 31 de maio de 2004:

O Brasil sente grande orgulho pelo convite que lhe foi feito para comandar a missão de paz no Haiti.

A comunidade internacional reconheceu a capacidade e a vontade de nosso país de dar a sua contribuição para a paz no mundo.[...]

Ao nos manifestarmos diante de uma crise como a que está acontecendo no Haiti, estamos exercendo nossa responsabilidade no cenário internacional. No caso do Haiti, consideramos que foram preenchidas as condições para uma operação da ONU. Como membro do Conselho de Segurança, o Brasil buscou refletir as preocupações de nossa região e interpretar os interesses do povo haitiano e da comunidade internacional.

Por esta razão, decidimos também aceitar o comando da operação de paz estabelecida pelo Conselho de Segurança, que terá, entre outras tarefas, a responsabilidade de proteger civis sob ameaça, de apoiar instituições que defendam os direitos humanos, de promover a reconciliação nacional do Haiti. São desafios importantes, mas não nos intimidam. (MISSÃO de paz no Haiti, 2004, p.139)

É justamente em decorrência da importância atribuída pelos governos Lula à política externa em geral, e à participação brasileira no Haiti em especial, que surgiu a hipótese inicial de que as revistas aproveitariam a ocasião do abalo sísmico que assolou o Haiti em 2010 como uma oportunidade de demonstrar seu apreço ou desagrado em relação às decisões do governo. Porém, essa característica revelou-se muito sutil no conjunto dos textos, e acabou eclipsada por outras muito mais marcantes que foram a apelação de *Veja* ao drama humano e a tentativa de *IstoÉ* de trazer à tona outros aspectos relacionados ao terremoto que não a óbvia destruição.

Nesse primeiro exemplo essa realidade fica já bastante evidente. Constatase que em sua reportagem, *Veja* trata com muito mais ênfase dos mortos, do resgate das vítimas, da destruição e da miséria que sempre abateu o país e até de como os haitianos usaram seus celulares para pedir socorro. E mesmo quando fala sobre a história do país é para destacar o sofrimento suportado por sua população, seja dentro do próprio país ou como imigrantes em países estrangeiros como EUA e Canadá. Enquanto *IstoÉ* em seu texto traz diversos outros aspectos relevantes para o tema central, como a presença da ONU, dos militares brasileiros, o envolvimento do Brasil, a composição social do Haiti, sem classe média, o que dificulta a recuperação do país, sua história de luta, o fato de ter sido o primeiro país independente do continente americano, a sucessão de golpes militares que viveu e a ajuda internacional.

Partindo para outro exemplo, também bastante representativo da cobertura de cada revista, é possível destacar os textos “*Diário do desastre*”, publicado por *Veja* e “*Nenhuma ajuda humanitária será suficiente*” publicado pela *IstoÉ*, ambos

no dia 20 de janeiro de 2010. Os dois textos são relatos, o primeiro do jornalista de *Veja*, Diego Escosteguy e o segundo do jornalista de *IstoÉ*, Claudio Dantas Sequeira. Eles tratam de suas impressões e experiências em território haitiano, no caso de Sequeira, em 2006, portanto quatro anos antes do abalo sísmico e, no caso de Escosteguy, após o terremoto. Esses dois textos chamam a atenção no meio da totalidade do *corpus* porque eles são, talvez, os melhores exemplos da diferença estilística entre os discursos construídos por cada uma das revistas.

Essa diferença é percebida primeira e fundamentalmente na escolha das palavras. *Veja* está muito mais disposta a usar palavras de apelo emotivo, para destacar a destruição material e o sofrimento humano causados pelo terremoto do que a outra revista. Ela dá enfoque a temas com mais apelo junto ao leitor. Escosteguy destaca sempre o sofrimento, a destruição, o desespero, a dor, concentra-se quase que exclusivamente no terremoto e na destruição causada por ele. Enquanto que Sequeira além de falar sobre o abalo sísmico e os prejuízos materiais e humanos que provocou, trata do Haiti de um modo mais geral, da sua miséria histórica, do sofrimento prolongado de seu povo, da presença da ONU em seu território.

De um lado, é possível perceber que *Veja* chega a dar um ar poético aos escombros ao comparar “fragmentos de concreto” a “flocos de neve” e concentra-se nas brigas e tumultos que a falta de gasolina causa no país, novamente centrando-se em usar palavras e destacar acontecimentos apelativos aos sentimentos dos leitores. Do outro, observa-se a característica de *IstoÉ* de trazer informações e aspectos que não têm uma ligação direta com o abalo sísmico. Partindo dos mesmos temas que *Veja*, escombros e transportes, *IstoÉ* acaba centrando-se em comparar o trânsito na cidade antes e depois do terremoto, em exemplo que demonstra como sua cobertura resultou mais rica e diversificada que a de *Veja*.

Esses dois textos constituem um bom exemplo do que é a cobertura de cada revista de um modo geral. *Veja* constrói um discurso sobre o terremoto do Haiti muito mais centrado na destruição e na dor, preocupando-se muito em noticiar esse acontecimento e em se aproveitar de seu apelo junto ao leitor. Enquanto que *IstoÉ*, de forma contrária, faz uma construção discursiva mais centrada na cobertura das consequências a médio prazo, tanto para o Haiti como para o Brasil, trazendo para suas páginas temas como as doações brasileiras, as discussões entre o Brasil e os EUA sobre como se deve dar prosseguimento à ajuda internacional, as ações e decisões da ONU e a situação dos militares brasileiros, com a continuação da presença militar do Brasil no Haiti e a situação de suas famílias aqui.

A partir de todas essas observações parece correto afirmar que com o passar do tempo uma característica marcante da cobertura de *Veja* foi o sensacionalismo, no sentido de dar ao leitor o que ele quer ler. Essa característica

é mais evidente não nos temas trazidos pela revista, mas principalmente em seus enquadramentos, pois as duas tratam basicamente dos mesmos assuntos, mudando o enfoque dado a certos pontos. A tragédia, a devastação e a dor são aspectos com maior capacidade apelativa junto ao público em geral do que a análise dos desdobramentos dos acontecimentos, e é essa a tônica da cobertura que conduz a organização discursiva de *Veja*.

Já no caso de *IstoÉ*, esse exemplo mostra que mais do que se posicionar contra ou a favor do governo do PT, a característica mais marcante de sua cobertura foi a atenção dada aos desdobramentos dos fatos. O que fez com que a revista, como já destacado anteriormente, assumisse um tom mais crítico do que *Veja* com relação ao governo, pois o acompanhamento do desenrolar dos fatos acabou pondo em evidência falhas de sua parte, como incapacidade em lidar com assuntos como a assistência às famílias dos militares mortos servindo no Haiti.

Outra explicação para esses dois tipos de enquadramentos pode ser um fator econômico. *Veja* é a terceira maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos. Anunciar em uma página indeterminada custa R\$ 254.200,00 (Fonte: MIDIA KIT *Veja*). Ela faz parte do Grupo Abril, que tem mais de 7.000 funcionários, é composto por empresas que vão da Editora Abril até o canal de televisão MTV, e ainda possui a maior gráfica da América Latina (Fonte: MIDIA KIT Grupo Abril). Enquanto que *IstoÉ* pertence à Editora Três, grupo de comunicação bem mais modesto, com apenas nove publicações, além de uma plataforma digital. Anunciar em uma página indeterminada da revista *IstoÉ* custa R\$ 139.800,00 (Fonte: MIDIA KIT *ISTOÉ*). Comparando somente os ingressos com publicidade nas páginas das versões impressas das revistas, *Veja* fatura 45% a mais do que *IstoÉ*. O alto faturamento publicitário, que por si só já justificaria uma superioridade econômica de *Veja*, é ainda potencializado pelo fato dela ter por detrás de si um gigante empresarial como o Grupo Abril, que oferece grande respaldo às suas decisões e ações.

É justo, portanto, supor que essa superioridade econômica de *Veja* com relação à *IstoÉ* tenha influenciado na cobertura das revistas e, mais especificamente, nos casos dos dois textos aqui analisados. O enquadramento mais sensacionalista de *Veja* com o uso de palavras intensas, e o destaque para a destruição material, o sofrimento humano, o desespero e a dor, pode ser atribuído também ao fato de que, por dispor de mais recursos para sua produção jornalística, a revista pôde enviar ao Haiti o repórter que produziu esse relato para fazer de lá a cobertura do terremoto. Escosteguy, por presenciar os estragos causados pela tragédia e dispor de mais informações sobre ela, centrou seu texto na descrição do que via, enquanto que Sequeira, desde o Brasil, baseou seu relato em informações de

agências de notícias internacionais e em sua experiência no Haiti, datada de 2006. Expandindo essa interpretação para os outros textos publicados pelas revistas, encontra-se um indicador de uma boa razão para a cobertura de *IstoÉ* ter sido mais focada na investigação das consequências e desdobramentos da catástrofe. Quando se está distante, é mais difícil buscar informações sobre o que acontece no dia a dia da reconstrução do país afetado, por isso voltar a sua cobertura para a análise dos acontecimentos acaba demonstrado ser uma alternativa interessante, menos custosa e que não compromete sua credibilidade jornalística.

Quanto às conclusões

Durante o governo Lula a política externa foi um fator tido como extremamente relevante para o Brasil. Muito esforço foi feito no intuito de consolidar o papel de “ator global” do país, expressão utilizada pelo ex-presidente Lula em discurso pronunciado na abertura do Colóquio “Brasil: Ator Global”, em Paris, em 13 de julho de 2005. Assim, define ele naquela ocasião, a posição que o país pretende ocupar no cenário internacional, bem como a utilização da expressão:

A expressão “ator global” pode provocar mal-entendidos. O primeiro é o de acreditar que o Brasil, um país com problemas sociais e sem meios importantes de projeção de poder militar no plano internacional, não poderia aspirar a ser globalmente um ator pleno. Somente países ricos, socialmente mais desenvolvidos e dotados de meios militares mais expressivos teriam capacidade de atuar de forma independente e eficaz na cena mundial.

É evidente que riqueza e força militar são expressões de poder. Elas não esgotam, no entanto, a capacidade de ação e de influência de que pode dispor um país. O segundo equívoco é o de pensar que o Brasil, somente por possuir vasto território, abundantes recursos naturais e população numerosa, terá automaticamente papel de relevo na esfera internacional.

O Brasil está, felizmente, longe dessas duas perspectivas extremas. Nossa diplomacia é experiente, bem preparada e suficientemente lúcida para não ser nem tímida nem temerária. (“Brasil: Ator Global”, 2005, p.34)

Para analisar a cobertura feita pelas revistas, é preciso levar em conta essa posição oficial do governo brasileiro. Esperava-se, inicialmente, que os textos nelas veiculados explorassem mais a política externa brasileira, que a discutissem, questionassem e, principalmente, que se posicionassem com relação a ela. Porém, isso não foi observado em nenhuma das duas revistas. Dentro da hipótese inicial que guiou o desenvolvimento dessa pesquisa, considerou-se que a presença de temas não relacionados diretamente ao terremoto no Haiti, mas intrinsecamente conectados às ambições internacionais brasileiras, teriam presença garantida nas revistas, justamente em decorrência do destaque que se esperava que elas dessem à diplomacia brasileira. Um desses temas é o trabalho desenvolvido pelo Brasil para

ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. A sua presença no Haiti faz parte dos esforços para atingir esse objetivo e a sua eleição, em 2010, como membro não permanente do Conselho de Segurança por dois anos, representa os resultados obtidos até agora.

Ocupar o posto de membro não permanente do Conselho de Segurança da ONU e estar militarmente presente no Haiti, colaborando para a estabilização política, depois na ajuda às vítimas do terremoto do dia 12 de janeiro de 2010, fazem parte de uma estratégia política do governo brasileiro. Por meio de tal estratégia, o governo busca assumir um papel de maior relevância no plano internacional, tanto politicamente, galgando postos de maior responsabilidade e poder em organismos internacionais como a ONU, quanto economicamente, ao mostrar-se como um país forte, rico e competitivo, capaz de conquistar novos mercados e parceiros comerciais. Em comunicado oficial no ano de 2009, divulgado na já citada publicação do Itamaraty, Resenha de Política Exterior do Brasil, o governo define os principais objetivos do Brasil, nessa ocasião, da seguinte maneira:

As prioridades do País como membro eleito do Conselho incluem a estabilidade no Haiti, a situação na Guiné-Bissau, a paz no Oriente Médio, os esforços em favor do desarmamento, a promoção do respeito ao Direito Internacional Humanitário, a evolução das operações de manutenção da paz e a promoção de um enfoque que articule a defesa da segurança com a promoção do desenvolvimento socioeconômico. (ELEIÇÃO do Brasil para o Conselho de Segurança das Nações Unidas, 2009, p. 169)

Esperava-se que durante a cobertura do abalo sísmico que deixou em ruínas a cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, todos esses aspectos fizessem parte dos discursos produzidos por *Veja* e *IstoÉ*. Considerava-se que o terremoto em si estaria amplamente presente nas revistas e que a política externa seria um aspecto fortemente considerado nessa cobertura por conta da importância atribuída a ela pelo governo do presidente Lula. Porém, a análise do corpus mostrou que o que realmente se deu foi que *Veja* fez uma cobertura centrada no apelo sensacionalista, fornecendo a seu leitor textos palatáveis, centrados na descrição da destruição causada no Haiti e pouco interessados nas ambições internacionais brasileiras. Enquanto que a cobertura de *IstoÉ*, mostrou também a tragédia, mas centrou-se mais em desenvolver aspectos periféricos ao terremoto, como os soldados brasileiros e as tropas da ONU, tocando assim indiretamente na questão da diplomacia brasileira por dar espaço a questões que lhe são caras. Estando, finalmente, a política externa brasileira muito mais presente em *IstoÉ* que em *Veja*, apesar de que nem em *IstoÉ* a discussão, o questionamento e a crítica feitos da forma que se esperava no início da pesquisa.

Um assunto que esteve muito presente nas coberturas do terremoto do Haiti, feitas não só pelas revistas *Veja* e *IstoÉ*, como também por todos os veículos de comunicação brasileiros, foi a morte da médica sanitarista brasileira Zilda Arns, durante uma palestra em Porto Príncipe, interrompida pelo abalo sísmico que lhe tirou a vida. Diversas referências à morte de Zilda Arns foram feitas em muitos textos publicados por ambas as revistas, mas a análise se restringiu a um exemplo mais representativo de cada revista. Em *Veja* o exemplo que mais chama atenção é o texto “*Viveu como santa, morreu como mártir*”, sem especificação de autor e, em *IstoÉ*, o texto intitulado “*A vida por uma causa*”, dos jornalistas João Loes e Suzane G Frutuoso, ambos publicados nas edições do dia 20 de janeiro de 2010.

Os dois textos são bastante parecidos tematicamente, pois ambos concentram-se em contar a história de vida da médica. A principal diferença que se pode notar entre as duas coberturas é a narrativa minuciosa que *Veja* faz dos momentos que antecederam a morte de Zilda e que não está presente em *IstoÉ*, essa riqueza de detalhes ao narrar um acontecimento tão triste, como a morte de uma pessoa querida pelos brasileiros, é o que faz com que se possa caracterizar a cobertura de *Veja* como sensacionalista.

Em linhas gerais, a investigação concluiu que em *Veja* a característica mais importante foi a tendência ao sensacionalismo, enquanto que em *IstoÉ* o que mais chamou a atenção foi a cobertura de aspectos indiretamente relacionados ao terremoto, trazendo ao leitor mais questionamentos. O posicionamento contra ou a favor do governo brasileiro não foi um fator relevante em nenhuma das revistas analisadas, assim como não foi dado destaque à política externa brasileira. Por fim, esse não foi o tipo de pesquisa em que se comprova a hipótese inicial, e sim uma ocasião em que um questionamento utilizado como ponto de partida levou a descobertas não consideradas inicialmente, que talvez possam contribuir com o conhecimento que se tem acerca dos objetos analisados, nessa ocasião, as revistas *Veja* e *IstoÉ*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do planalto**: A imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DIA em que o mundo acabou, O. *Veja*, São Paulo, edição 2148, n. 3, p. 62 – 73, jan. 2010.

DISCURSO do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do Colóquio “Brasil: Ator Global”, em Paris, em 13 de julho de 2005. **Resenha de Política Exterior do Brasil**, Brasília, 2005 n. 97, p.34-40.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and globalization**. Nova York: Editora Routledge, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19º ed. São Paulo. Editora Loyola, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7º ed. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2009b.

ELEIÇÃO do Brasil para o Conselho de Segurança das Nações Unidas. **Resenha de Política Exterior do Brasil**, Brasília, 2009 n. 105, p.135.

ESCOSTEGUY, Diego. Diário do desastre. *Veja*, São Paulo, edição 2148, n. 3, p. 74 – 75, jan. 2010.

GRUPO ABRIL. Desenvolvido pelo Grupo Abril. Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br>>. Acesso em: 18/01/201.

LOES, João e FRUTUOSO, Suzane. G. A vida por uma causa. *IstoÉ*, São Paulo, edição 2097, jan. 2010. Seção Mundo. Disponível em: <http://www.istoec.com.br/reportagens/42235_O+TREMOR+QUE+MATOU+UM+PAIS>. Acesso em: 22/05/2011.

MIDIA GRUPO ABRIL. Desenvolvido pela Editora Abril. Apresenta o Midia Kit Do Grupo Abril. Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/arquivo/presskit.pdf>>. Acesso em: 14/05/2011.

MIDIA KIT *ISTOÉ*. Desenvolvido pela Editora Três. Apresenta o Midia Kit da revista *IstoÉ*. Disponível em: <http://editora3.terra.com.br/downloads/midiakit_istoe.pdf>. Acesso em: 12/01/2011.

MISSÃO de paz no Haiti. **Resenha de Política Exterior do Brasil**, Brasília, 2004 n. 94, p.139-140.

REFORMA da ONU. Site oficial do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/governanca-global/reforma-da-onu>>. Acesso em: 02/06/2010.

RENOVAÇÃO do mandato da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti. **Resenha de Política Exterior do Brasil**, Brasília, 2009 n. 105, p.135.

SEQUEIRA, Claudio Dantas. Nenhuma ajuda humanitária será suficiente. *IstoÉ*, São Paulo, edição 2097, jan. 2010. Seção Mundo. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/42210NENHUMA_AJUDA+HUMANITARIA+SER+A+SUFICIENTE+>>. Acesso em: 14/05/2011.

SEQUEIRA, Claudio Dantas. O tremor que matou um país. *IstoÉ*, São Paulo, edição 2097, jan. 2010. Seção Mundo. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/42235_O_TREMOR+QUE+MATOU+UM+PAIS>. Acesso em: 14/05/2011.

VIVEU como santa, morreu como mártir. *Veja*, São Paulo, edição 2148, n. 3, p. 84 – 85, jan. 2010.

Recebido em outubro de 2011
Aprovado em dezembro de 2011